

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /R/ EM ONSET SILÁBICO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO DE CONTATO COM O TALIAN:
DIFERENCIAÇÃO LINGUÍSTICA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE
EM UMA COMUNIDADE DO OESTE CATARINENSE**

**THE VARIABLE REALIZATION OF ONSET /R/ IN BRAZILIAN
PORTUGUESE IN CONTACT WITH TALIAN: LINGUISTIC
DIFFERENTIATION AND CONSTRUCTION OF IDENTITY IN A
COMMUNITY IN THE WEST OF THE STATE OF SANTA CATARINA,
BRAZIL**

Daiane Sandra Savoldi Curioletti (EBM Romeu de Sisti, EEB

Prof. Mansueto Boff-SC)

daicurioletti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6483-9006>

Elisa Battisti (UFRGS/CNPq)

elisa.battisti@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>

RESUMO: *O artigo investiga a variação de /r/ em onset silábico ([r]ápido::[h]ápido::[r]ápido; ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o) no português de contato com o talian em Planalto, interior de Concórdia (SC). Assumindo a perspectiva sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 2008 [1972]) da variação linguística como prática social (ECKERT, 2000) e dos significados sociais das variantes linguísticas (IRVINE, 2001; ECKERT, 2003, 2016; GAL, 2016), fez-se pesquisa etnográfica, análise de produção, análise de percepção e avaliação linguística. Na pesquisa etnográfica, observou-se o uso de tepe alveolar [r] mais frequentemente na fala de homens e idosos, e da variante fricativa (glotal [h, h̥] ou velar [x, ɣ]), nas práticas sociais de mulheres e de jovens. Na análise de produção, nos 1.334 contextos de /r/ levantados de 24 entrevistas sociolinguísticas, foi de 78,8% a proporção de tepe, 12% de fricativa e 9,2% de vibrante alveolar [r]. A vibrante é favorecida pelos falantes de meia-idade e idosos, e por sílabas mediais; o tepe, pelo gênero masculino. Vibrante e tepe são desfavorecidos pelos jovens; a fricativa é favorecida por jovens e por mulheres com maior mobilidade geográfica. Na análise de percepção e avaliação linguística, o tepe é menos prestigiado e mais rural; a fricativa, mais urbana e mais prestigiada.*

PALAVRAS-CHAVE: realização do /r/ em onset silábico; contato português brasileiro-talian; variação linguística; percepção e avaliação linguística; identidade e persona.

ABSTRACT: *The paper investigates variable /r/ in syllabic onset ([r]ápido::[h]ápido::[r]ápido ‘fast’; ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o ‘car’) in Portuguese in contact with Talian in Planalto, interior of Concórdia (SC), following the perspectives of variationist sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), that of linguistic variation as social practice (ECKERT, 2000) and of the social meanings of linguistic variants (IRVINE, 2001; ECKERT, 2003, 2016; GAL, 2016). Ethnographic fieldwork, production analyses, perception and linguistic evaluation analysis were carried out. In the ethnographic fieldwork, we observed the use of alveolar tap [r] more frequently in the speech of men and the elderly, and the fricative variant (glottal [h, h̥] or velar [x, χ]) in the social practices of women and young people. In the production analysis of 1,334 tokens of /r/ collected from 24 sociolinguistic interviews, the proportion of tap was 78.8%, 12% of fricative, and 9.2% of alveolar trill [r]. Trill is favored by middle-aged and elderly speakers, and by medial syllables; tap, by the male speakers. Trill and tap are disfavored by young people. Fricative is favored by young people and women with greater geographical mobility. In the analysis of perception and linguistic evaluation, tap is less prestigious and more rural; fricative, more urban and more prestigious.*

KEYWORDS: *production of onset /r/; contact of Brazilian Portuguese with Talian; linguistic variation; linguistic perception and evaluation; identity and persona.*

1 Introdução

A variação linguística no português brasileiro (PB) de contato com o talian, língua italiana de imigração (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011)¹, verifica-se em comunidades do sul do Brasil que receberam imigrantes italianos entre o final do século XIX e início do século XX. A variável investigada neste artigo² contempla um traço transferido do talian ao

¹ Neste artigo, adota-se a definição de Altenhofen e Margotti (2011, p. 290) de línguas de imigração “[...] como línguas 1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, 2) compartilham o *status* de língua minoritária”. O contato dos diferentes dialetos italianos (friulano, bergamasco, napolitano, vêneto etc.) falados pelos imigrantes que se fixaram no Brasil na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul (doravante RCI-RS) entre os séculos XIX e XX originou uma língua comum com predomínio de traços vênéticos, a *coiné vêneta* (cf. FROSI; RASO, 2011). A *coiné* foi levada posteriormente, por migrações internas, para o sudoeste catarinense. De acordo com Pinheiro (2014), em 2014 e com a denominação *talian*, a *coiné* foi reconhecida como Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

² Este artigo reúne resultados de Curioletti (2021).

português: a realização de /r/ (r-forte) em *onset* silábico³ como tepe alveolar [r] (r-fraco). Na variedade em questão, o PB falado em Planalto, distrito de Concórdia, Santa Catarina (SC), o /r/ em *onset* silábico pode realizar-se, além disso, como vibrante alveolar [r] ou como fricativa (glotal [h, ɦ], eventualmente como velar [x, ɣ]): [r]ápido::[h]ápido::[r]ápido, ca[r]o::ca[h]o::ca[r]o, por exemplo. Ou seja, são três as variantes da variável (r) aqui investigadas, as quais, como se verá, caracterizam o PB local por suas frequências relativas e por sua associação com categorias identitárias locais.

Nesse sentido, o artigo tem o objetivo de responder a três grandes questões: (a) que variáveis linguísticas e sociais se correlacionam à realização das três variantes de (r) no PB de Planalto? (b) em que práticas sociais e na construção de que *personas* as variantes emergem? (c) como os planaltenses percebem e avaliam as variantes fricativa, vibrante e tepe?

Essas questões e os procedimentos teórico-metodológicos seguidos para respondê-las fundamentam-se (i) na sociolinguística quantitativa de Labov (2008 [1972]), segundo a qual, na produção linguística, as variantes correlacionam-se a fatores linguísticos (contexto fonético-fonológico precedente e seguinte, posição na sílaba ou na palavra, tonicidade da sílaba etc.) e sociais (como idade, classe social, escolaridade dos grupos de falantes, por exemplo), o que se investiga por meio de análises de correlações em modelos multinominais; (ii) no estudo da variação linguística como prática social de Eckert (2000), para quem as práticas diárias tornam significativa a relação entre variação linguística e categorias sociais (tanto macrocategorias como gênero, classe social, quanto categorias localmente enraizadas, relacionadas a *personae* construídas pelos sujeitos na interação em diferentes comunidades de prática), o que se examina com procedimentos etnográficos; (iii) e nas ideias de Eckert (2003, 2016), segundo as quais “a variação é um sistema de signos cujos significados emergem em seu papel em estilos que implementam *personae* ou tipos sociais”⁴ (ECKERT, 2016, p. 69, tradução nossa), e de Irvine (2001) e Gal (2016), para quem o significado social da variação tanto promove quanto implementa a diferenciação social, o que se pode analisar com testes de percepção e avaliação linguística das variantes em relação a categorias sociais relevantes.

³ Neste artigo, entende-se que /r/ em *onset* silábico seja a forma subjacente do rótico em início de sílaba em vocábulos como *carro*, *rua*, *Israel*, por exemplo, de acordo com Abaurre e Sandalo (2003).

⁴ No original: “[...] variation as a system of signs, whose meanings emerge in their role in styles that enact social *personae* or types”.

Planalto é um vilarejo pertencente ao município de Concórdia⁵, no sudoeste catarinense. Situa-se a aproximadamente 23,7 quilômetros da zona urbana da cidade. Foi fundado em 1939 com o nome Vila dos Italianos, oficializado como Planalto em 1941 e promovido a distrito de Concórdia em 1994. Os fundadores de Planalto foram ítalo-brasileiros que se deslocaram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX (cf. BÜCHELE, 1995). Conforme o censo de 2010, o distrito contava com aproximadamente 2.080 habitantes, sendo 334 residentes na vila⁶ e 1.746 nas propriedades rurais.

A maioria dos habitantes de Planalto é ítalo-brasileira. Os planaltenses mais velhos falam talian⁷ e PB. Os jovens que falam talian são poucos. Em sua maioria, aprenderam a língua com os avós, pois, já há algumas gerações, os pais tendem a comunicar-se com os filhos em PB. Mesmo assim, com base em Mackey (1972), considera-se Planalto, neste artigo, uma comunidade bilíngue PB-talian porque, embora o uso do talian venha diminuindo, há marcas⁸ do contato PB-talian no PB local, as quais diferenciam o PB de Planalto da variedade falada por moradores de comunidades em que não houve imigração italiana. Tais marcas linguísticas, associadas à conservação das práticas culturais dos antepassados, o uso do talian pelos idosos e os costumes vivenciados na comunidade, como, por exemplo, a gastronomia italiana, a religiosidade, o apego à família e ao trabalho, contribuem para a construção de uma identidade local matizada pelo histórico da imigração italiana ao Brasil. Nesse sentido, considera-se Planalto uma comunidade conservadora, em que a posse de bens materiais, e não a escolaridade, é vista como parâmetro para a estruturação das classes sociais. Por exemplo, embora os planaltenses que vivem e trabalham nas pequenas propriedades rurais prefiram ser chamados de agricultores ou empreendedores rurais a *colono*, a comunidade usa

⁵ Concórdia localiza-se na microrregião do Alto Uruguai, na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Suas terras foram ocupadas por colonizadores ítalo-brasileiros entre 1922 e 1925. Emancipou-se em 1934 e conta com, aproximadamente, 68.621 mil habitantes. Tem no agronegócio sua grande força, sendo referência regional. Sedia entidades tecnológicas e empresariais, de expressão estadual e nacional.

⁶ Nas comunidades de base étnica italiana no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, “vila” é a denominação da parte da zona rural em que se encontram instituições e prédios de uso coletivo: igreja, mercado, escola e, se houver, agência bancária, hotel, posto de saúde, posto de gasolina etc.

⁷ De acordo com relatos de moradores mais antigos de Planalto na pesquisa etnográfica, a ser relatada adiante (seções 3 e 4), inicialmente se falavam na comunidade os dialetos italianos furlan, bergamasco e vêneto, com o predomínio do vêneto, por eles chamado simplesmente de talian e considerado o mais “italiano” dos três.

⁸ Por exemplo, observa-se em Planalto vocalização menos frequente da aproximante lateral alveolar /l/ em coda silábica, como em *a[l]to*, especialmente pelos idosos, sendo que a realização vocalizada, como em *a[w]to*, é a mais recorrente no PB supralocal; o alçamento de [e] para [i] em sílabas átonas e, em sílabas com /t, d/ em *onset*, a consequente palatalização dessas consoantes, como em *noit[e]*, são menos frequentes no português local do que são no PB suprarregional. A variante *tepe* alveolar no contexto de r-forte é uma característica marcante do contato PB-talian.

positivamente a designação *colono forte*⁹, sendo essa “força” correspondente à posse de bens materiais e de capital econômico. Nesse sentido, os colonos fortes personificam os descendentes de colonos italianos que superaram as adversidades iniciais dos antepassados em solo brasileiro e “venceram na vida”. Isso reforça a italianidade e seus traços, como o de realizar tepe, não vibrante ou fricativa, como r-forte. Nossa hipótese, confirmada, como veremos, pelas análises realizadas (análise estatística de produção, estudo etnográfico, análise de percepção e avaliação linguística), é a de que os falantes usam mais frequentemente tepe nas práticas sociais locais, alternando para fricativa e/ou vibrante em práticas sociais urbanas ou, localmente, quando se exige uma forma de expressão do PB considerada “cultá”.

2 A variável (r): caracterização fonético-fonológica, revisão de estudos do PB de contato com o talian e justificativas para as análises efetuadas no artigo

Silva (2012) afirma que os segmentos correspondentes ao R ortográfico do PB são os seguintes: fricativa velar desvozeada e vozeada [x, ɣ], fricativa glotal desvozeada e vozeada [h, h̥], tepe alveolar vozeado [r], vibrante alveolar vozeada [r], retroflexos vozeados (tepe [ɽ] ou aproximante [ɽ̥]). As fricativas [x, ɣ] e [h, h̥] podem alternar-se livremente em posição intervocálica, em início de sílaba e de palavra, em final de palavra. Já em limite de sílaba, a distribuição depende dos contextos, ou seja, da consoante seguinte. As realizações fricativas velar [x, ɣ] e glotal [h, h̥], bem como a vibrante alveolar [r] e tepe [ɽ], correspondem a um único fonema que, neste artigo, é representado por /r/.

Conforme Langaro (2005), a realização de /r/ no PB vem sofrendo um processo de fricatização desde a década de 1970. O processo teve início nas grandes cidades e, aos poucos, vem adentrando o interior do Brasil. Os meios de comunicação exerceram, e ainda exercem, grande influência na disseminação dessa mudança. Mesmo que a vibrante seja uma das realizações possíveis para o r-forte em português, mostra-se menos frequente do que as fricativas em PB.

No que se refere aos significados sociais das variantes de /r/ em *onset* silábico em comunidades de fala de base étnica italiana, a realização de r-forte como tepe tem criado para

⁹ No estudo etnográfico a ser esclarecido adiante (seções 3 e 4), verificou-se que o termo *colono forte* é utilizado nas práticas locais para designar agricultores que se sobressaem no cultivo de grandes lavouras, na criação de suínos, aves e gado leiteiro. O termo *colono* tem conotação positiva na associação com o adjetivo “forte”. Em isolado, diferentemente, o termo *colono* pode designar pessoa pouco instruída, trabalhadora braçal, que não prosperou.

o ítalo-brasileiro a imagem de homem pouco instruído, “que fala a língua da roça” (SPESSATO, 2003, p. 45). A esse respeito, e com base em Eckert (2000), Irvine (2001), Gal (2016), é possível pensar que as diferentes realizações de /r/ indexam tanto a origem geográfica e/ou étnica do indivíduo quanto as *personae* que o falante constrói no momento da conversação, a depender dos participantes envolvidos. Assim, a pronúncia *te[r]a*, ao invés de *te[h]a* ou *te[r]a*, por exemplo, pode ser realizada com o intuito de indexar uma *persona* pertencente a uma comunidade colonizada por imigrantes italianos, do qual o falante tem orgulho (MONARETTO, 2014, p. 122). Já a pronúncia *te[h]a*, ao invés de *te[r]a* ou *te[r]a*, pode se dar no intuito de o falante desatrelar-se de significados e valores associados às comunidades de colonização italiana, como Planalto, remetendo-se a uma *persona* urbana (CALLOU; LEITE, 1994), quando necessário. Segundo Eckert (2003), os registros de fala podem alterar-se no decorrer da interação, com o intuito de invocar um sentimento de pertença ou de estranhamento em relação aos demais participantes da situação social.

A realização do tepe nos contextos de r-forte pode estar relacionada à condição social do imigrante italiano no final do século XIX e início do século XX, que veio para o Brasil na esperança de uma vida melhor. A maioria dos imigrantes italianos era analfabeta, deveria trabalhar nos cafezais do sudeste brasileiro ou ocupar, com agricultura, terras não povoadas no sul do Brasil. Nessas, criaram-se as colônias de assentamento dos imigrantes, como ocorreu no oeste catarinense, onde a escolarização era inicialmente precária e o português, aprendido nas interações com brasileiros e transmitido às sucessivas gerações com marcas do contato com o talian. Esse contexto também contribuiu para que a designação *colono* passasse a atributo daqueles sujeitos cujas famílias ligam-se à condição socioeconômica dos imigrantes italianos (RADIN, 2001) – agricultores, vivendo e trabalhando em propriedades de assentamento de colonos. O termo é frequentemente tomado de forma negativa e associado ao interior (zona rural).

Quanto à produção da variável (r) nas comunidades de fala, os estudos já efetuados geralmente seguem a linha quantitativa laboviana (LABOV, 2008 [1972]) e utilizam-se de dados de comunidades da RCI-RS e do oeste catarinense. Realizam análises estatísticas do tipo binomial: controlam a realização de r-fraco vs. r-forte, opondo tepe à reunião de vibrante e fricativas. Os dados são provenientes do projeto VARSUL ou do acervo BDSer.¹⁰ O

¹⁰ De acordo com Spessato (2003), o Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

controle dos diferentes grupos de fatores revela resultados convergentes. Em relação à Idade, Rossi (2000), Azeredo (2012), que investigam a variável no PB de Flores da Cunha (RS), e Corrêa (2016), que analisa o PB de Antônio Prado (RS), verificam que os mais jovens favorecem vibrante, os mais velhos, tepe. Já Spessato (2003), com dados de Chapecó (SC), verifica que os mais jovens e os mais velhos favorecem tepe, enquanto a faixa do meio o desfavorece. Sobre Bilinguismo, Spessato (2003), Margotti (2004), Azeredo (2012) constatam que bilíngues usam mais tepe. Sobre Gênero, Margotti (2004) reporta que em cidades catarinenses e gaúchas a variável não se mostra relevante. Sobre Zona de Residência, Margotti (2004), Battisti e Martins (2011) verificam que o fator zona rural favorece tepe. Em relação aos grupos de fatores linguísticos, o tepe é favorecido em posição medial de palavra (ver ROSSI, 2000, com dados de Chapecó (SC) e Flores da Cunha (RS); SPESSATO, 2003, com dados de Chapecó (SC); BOVO, 2004, com dados de Caxias do Sul (RS); BATTISTI; MARTINS, 2011; e AZEREDO, 2012, com dados de Flores da Cunha)); e a vibrante é favorecida em palavras polissílabas (ROSSI, 2000; BATTISTI; MARTINS, 2011).

Em termos gerais, essas pesquisas, centradas em análises de produção, mostram que a realização de tepe (r-fraco) em contexto de r-forte é favorecida pelo gênero masculino, informantes mais velhos e de menor escolaridade. Já a realização de vibrante (r-forte) é favorecida pelos mais jovens e do gênero feminino. Posição medial de palavra favorece tepe e posição inicial favorece vibrante, zona rural e bilinguismo favorecem tepe.

O presente artigo não espera encontrar resultados divergentes desses na análise de produção do PB de Planalto, especialmente no que se refere ao tepe. A contribuição do artigo na análise de produção está em examinar, além de tepe, vibrante e fricativa separadamente em uma análise trinomial. Como se afirmou acima, as análises revisadas são binomiais. Seus resultados não distinguem, nos dados codificados como “vibrante” (i.e. r-forte), aqueles efetivamente realizados como vibrante alveolar daqueles realizados como fricativa. Na análise de produção aqui empreendida, a variável-resposta trinomial pode aprofundar o que já se sabe sobre as correlações da variável (r) no PB de contato com o talian, desta vez no que se refere às variantes vibrante e fricativa, inovadoras nessa variedade de PB.

Outras contribuições do artigo estão em realizar estudo etnográfico e análise de percepção e avaliação linguística, além de análise de produção. Os estudos revisados, como

(UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). Conforme Corrêa (2016), BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha) é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes que habitam municípios da RCI-RS. O acervo é mantido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

vimos, reconhecem o desprestígio da variante tepe no PB das comunidades investigadas e, como Battisti e Martins (2011), atestam que o tepe tende a não emergir em práticas sociais de jovens na zona urbana. No entanto, não avançam na investigação dos significados sociais das variantes, como se fará aqui. Além disso, os informantes que concedem as entrevistas sociolinguísticas de que se levantam os dados para a presente análise de produção são os mesmos sujeitos que se submetem ao teste de percepção e avaliação linguística, o que permite testar a correlação entre os dados de produção e os de percepção e avaliação linguística.

3 Metodologia

São três as análises de variação linguística efetuadas: estudo etnográfico, inspirado em Eckert (2000); análise de produção, na linha quantitativa laboviana (LABOV, 2008 [1972]); análise de percepção e avaliação linguística, orientada por Eckert (2003, 2016). Os procedimentos metodológicos empregados nas análises são esclarecidos separadamente nas seções a seguir.

3.1 Estudo etnográfico

O estudo etnográfico teve início logo após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da UFRGS.¹¹ Ocorreu de março de 2019 a março de 2020. O estudo etnográfico utilizou-se das técnicas de observação e observação participante, efetuadas em oito comunidades de prática de Planalto: grupo de idosos, clube de mães, grupo de jovens, clube de veteranos, clube da ginástica, encontro de pais na escola, Igreja Católica e eventos da comunidade de Planalto. As comunidades de prática foram identificadas com base em vivências na comunidade¹² e eleitas porque acolheram a pesquisa: em uma visita inicial de uma das pesquisadoras, seus líderes receberam esclarecimentos sobre a investigação, permitiram que se efetuasse observação e, eventualmente, que se participasse das atividades dos grupos.

¹¹ A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul via Plataforma Brasil pelo Parecer 3.146.693 de 14 de fevereiro de 2019.

¹² Uma das pesquisadoras, Daiane Curioletti, reside em Planalto. As coletas de dados no estudo etnográfico, análise de produção e análise de percepção e avaliação linguística foram realizadas por ela, que não fala, mas compreende talian. Tanto as entrevistas sociolinguísticas (seção 3.2) quanto o teste de percepção e avaliação linguística (seção 3.3) foram conduzidos pela pesquisadora em PB. Já no estudo etnográfico, em função de ela ser membro da comunidade, reconhecida, tal qual seus familiares, como descendente de italianos, os sujeitos observados eventualmente interagiram em talian com ela e endereçaram-lhe cumprimentos e comentários também em talian.

Nenhuma gravação de áudio ou vídeo foi realizada, buscando-se minimizar o efeito da presença do pesquisador nos grupos. Utilizou-se a técnica do registro dos dados etnográficos em um bloco de notas e sua posterior compilação e interpretação, com especial interesse nas práticas sociais em que a variável (r) se manifestasse.

3.2 Análise de produção linguística

Os dados para a análise de produção foram levantados de entrevistas sociolinguísticas, realizadas também de março de 2019 a março de 2020. Os 24 informantes estão estratificados e balanceados quanto ao seu Gênero (feminino e masculino), Faixa Etária (18 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 ou mais anos) e Escolaridade (primário/fundamental; médio/superior). Para cada uma das células, há dois falantes, que foram selecionados a partir da rede de contatos de uma das pesquisadoras ou por indicação dos membros das comunidades de prática observadas.

As entrevistas seguiram um roteiro, no formato de questionário semiestruturado, com perguntas discursivas sobre assuntos do cotidiano de Planalto e sua gastronomia, acessíveis aos entrevistados. As entrevistas foram gravadas apenas em áudio, realizadas em locais indicados pelos informantes – locais com os quais estivessem familiarizados e em que se sentissem à vontade, geralmente em suas próprias residências¹³, escolhendo-se ambientes com o menor ruído externo possível. As entrevistas tiveram a duração de no mínimo 35 minutos e de no máximo 50 minutos e totalizaram cerca de 14 horas de gravação. A extração de dados (contextos de r-forte em *onset* silábico) do áudio das entrevistas sociolinguísticas foi feita de oitiva, considerando-se todo o tempo das entrevistas. Dados com ruídos não foram computados.

Os dados extraídos das entrevistas foram codificados em uma planilha, usada na análise estatística de regressão logística multinomial multinível, realizada com o programa IBM SPSS, modelo GENLIMIXED. A variável-resposta – trinomial – é a realização de /r/ em *onset* silábico em contexto de r-forte como vibrante, tepe e fricativa. Tomou-se a fricativa como a variante de referência na análise devido ao fato de essa realização vir progredindo no PB e substituindo a vibrante na realização de r-forte em *onset* silábico. Nossa hipótese foi a de que, com essa inovação, o PB de contato de Planalto se aproximaria das demais variedades de PB (CALLOU; LEITE, 1994; CALLOU; MORAES; LEITE, 1996). Dessa forma, examinou-

¹³ Apenas algumas entrevistas ocorreram na residência da pesquisadora porque os informantes alegaram não haver condições (espaço, silêncio etc.) para sua realização em seus lares.

se: (a) ocorrência de tepe em relação à fricativa e (b) a realização de vibrante em relação à fricativa, em um modelo estatístico de estrutura hierárquica com sete variáveis predictoras fixas (fatores fixos) e duas variáveis aleatórias.

Das variáveis predictoras fixas, três são linguísticas – Tonicidade da sílaba (sílabas átona (*rasteira*) ou tônica (*rápido*)), Posição da sílaba (Início da palavra (*rosto*) e Meio da palavra (*carro*)), Número de sílabas (Monossílabo (*ré*), Dissílabo (*rua*), Trissílabo (*carroça*) ou Polissílabo (*carregamento*)) – e quatro são sociais: Gênero (feminino, masculino), Idade (Faixa 1 - 18 a 35 anos, Faixa 2 - 36 a 55 anos, Faixa 3 - 56 anos ou mais) e Escolaridade (primário/fundamental, médio/superior). Acrescentou-se uma quarta variável, Bilinguismo, com os fatores ativo (compreende e fala o dialeto italiano), passivo (compreende, mas não fala o dialeto italiano), mas essa não apresentou correlações significativas na análise estatística. As variáveis-predictoras aleatórias foram Informante e Item Lexical.

Com base nos critérios de informação Akaike e Bayesian, foram selecionados 16 (do total de 26) modelos de análise¹⁴:

- a) Modelos com Informante como variável aleatória: modelo 1 (todas as variáveis), modelo 2 (gênero), modelo 4 (idade), modelo 7 (posição na palavra), modelo 9 (gênero + posição na palavra), modelo 10 (gênero + idade + posição na palavra), modelo 11 (gênero + idade), modelo 12 (idade + posição na palavra).
- b) Modelos com Informante e Item Lexical como variáveis aleatórias: modelo 14 (todas as variáveis), modelo 15 (gênero), modelo 17 (idade), modelo 20 (posição na palavra), modelo 22 (gênero + posição na palavra), modelo 23 (gênero + idade + posição na palavra), modelo 24 (gênero + idade) e modelo 25 (idade + posição na palavra).

3.3 Análise de percepção e avaliação linguística

Em uma segunda visita a cada um dos 24 informantes que já haviam concedido as entrevistas sociolinguísticas, aplicamos um teste conforme o *verbal guise paradigm* (cf. CAMPBELL-KIBLER, 2006), similar à técnica dos falsos pares (*matched guise technique*, de LAMBERT *et al.*, 1960), mas composto por seis áudios (ou estímulos) com o mesmo texto, lido em voz alta por seis sujeitos diferentes, três homens, três mulheres; em cada um dos estímulos, /r/ em *onset* silábico foi realizado em uma das três variantes em questão – tepe, vibrante, fricativa. Os 24 informantes deveriam ouvir os áudios, um por vez, depois avaliá-los

¹⁴ Oito modelos foram excluídos, pois não apresentaram correlações significativas

com base nas categorias *Prestigiado, Sotaque urbano e Sotaque do interior*¹⁵ numa escala de Likert de seis pontos (de 0 a 5, em que 0 significa nenhuma relação da categoria com o áudio ouvido, e 5 significa total relação do áudio com a categoria.). A ordem de apresentação dos áudios alternou vozes masculinas e femininas e a variante (tepe, fricativa, vibrante) realizada em contexto de r-forte na leitura do seguinte texto, no qual os segmentos-alvo do estudo estão em negrito:

Como alcançar sucesso na vida?

*Toda a pessoa precisa ter **garra** e **foco** para vencer na vida. O sucesso não acontece da noite para o dia; ele requer esforço constante, pois muitas **barreiras** podem surgir durante o percurso. Na corrida para o sucesso, você precisa **respirar fundo** e **buscar seu rumo**, **atravessar pontes, avenidas e ruas movimentadas, terrenos recortados e às vezes planos. Do Rio Grande do Sul até Rio Branco, República Dominicana ou Romênia, na Europa. O céu deve ser seu limite e a terra, seu ponto de partida. Não reclame, remedeie os seus erros, peça socorro se te ocorrer. Os rumores te fazem retroceder, evite-os. O importante é avançar, aos poucos você vai rendendo êxito. Derrotas podem ocorrer, ninguém está livre de uma vez perder. No entanto, se você tem fé, vai para a guerra sem medo de morrer.***

Fonte: Curioletti (2021, p. 246).

4 Apresentação e discussão dos resultados

O estudo etnográfico das oito comunidades de prática revelou que, em Planalto, costumes gaúchos (comer churrasco, tomar chimarrão) incorporam-se a práticas ítalo-brasileiras (professar a religião católica, valorizar o trabalho e a família). São prestigiados os planaltenses que exercem alguma liderança na Igreja Católica ou em alguma entidade social local. A fala em talian é recorrente na interação social de pessoas mais idosas. Ocorre no comércio local e entre algumas pessoas, na rua, para denotar, ao que parece, maior aproximação entre os presentes. Observa-se o uso do talian no grupo de mães, nos clubes onde os homens jogam baralho e bocha, sendo que a língua é usada até mesmo pelos jovens para contar piadas. Os termos de parentesco “nono” (avô) e “nona” (avó) são vocábulos usados espontaneamente na fala local. O talian contribui para a coesão dos grupos locais e associa-se às representações de um passado de lutas, trazendo à tona a saudade e o orgulho de ser descendente não só de italianos, mas também de gaúchos.

¹⁵ Essas categorias derivaram do que se percebeu nas práticas sociais locais ao longo do estudo etnográfico, nas oposições (contrastes sociais) prestigiado-desprestigiado, rural-urbano.

No que se refere às realizações da variável (r) investigadas (tepe, vibrante, fricativa), o estudo etnográfico mostrou que a fricativa emerge mais frequentemente no PB de jovens em práticas sociais urbanas como as letradas. Por exemplo, em uma missa na Igreja Católica, observou-se inclusive hipercorreção no uso de fricativa, na leitura em voz alta de textos bíblicos: uma jovem leitora produziu *de[h]ama[h]am* para *derramaram*, com duas realizações de fricativa glotal, quando se esperaria *de[h]ama[r]am*. Um pouco mais adiante na leitura, produziu *hon[r]arei* para *honrarei*, com r-fraco (tepe) em lugar de r-forte, o que segue o padrão de pronúncia do PB local. Isso mostra que, em termos de normas de uso, ainda que os jovens, aqueles que mais empregam a fricativa, orientem-se por normas supralocais em práticas menos rurais, sofrem pressão das normas locais favorecedoras do tepe, como confirma a análise de produção.

A análise de produção de 1.334 contextos de /r/ em *onset* silábico revelou 159 (12%) realizações de fricativa, 124 de vibrante (9,2%) e 1.051 de tepe (78,8%). Essas proporções caracterizam Planalto como uma comunidade conservadora: o tepe é a variante predominante e a comunidade mantém uma característica do contato PB-talian (cf. SPESSATO, 2003; MARGOTTI, 2004).

Dos modelos testados, oito apresentam correlação de Gênero com tepe, o fator masculino favorecendo tepe em relação à fricativa. Sete modelos têm Posição na palavra (meio) como favorecedora de vibrante múltipla, três modelos exibem Idade (faixa 2 e faixa 3) correlacionada ao uso de vibrante múltipla, e três modelos atestam a correlação de Idade (faixa 2 e faixa 3) e Posição na palavra (meio) com a realização de vibrante múltipla em detrimento de fricativa.

Observe-se, a seguir, na Tabela 1, um dos oito modelos em que a variável Gênero (masculino) favorece tepe em relação à fricativa.

Tabela 1 - Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de ocorrências de *tepe* em relação à *fricativa* na realização de /r/ em *onset* silábico, modelo 1 (*tipo 1*) (*informante* – fator *aleatório*), com todas as variáveis
N = 1.334

<i>Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível</i>					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
<i>(Tepe / Fricativa)</i>	<i>Coeficien.</i>	<i>Erro padr.</i>	<i>T</i>	<i>Sig. (p - valor)</i>	<i>Expon. (coef.)</i>	<i>Inferior</i>	<i>Superior</i>
<i>Intercept</i>	1,845	1,719	1,073	,295	6,328	0,178	225,434
<i>Gênero</i>							
Feminino	0,000 ^a						
Masculino	2,823	1,287	2,193	,037	16,819	1,206	234,504
<i>Bilinguismo</i>							
Ativo	0,000 ^a						
Passivo	0,600	1,793	0,335	,741	1,823	0,045	74,545
<i>Idade</i>							
Faixa 1	0,000 ^a						
Faixa 2 + Faixa 3	2,012	1,397	1,440	,166	7,479	0,402	139,203
<i>Escolaridade</i>							
Prim.Fun	0,000 ^a						
Med.Sup	-1,748	1,364	-1,281	,210	0,174	0,011	2,842
<i>Número de sílabas</i>							
Dissílabas	0,000 ^a						
Trissílabas	0,505	0,317	1,591	,112	1,657	0,889	3,089
Polissílabas	0,408	0,386	1,055	,292	1,503	0,704	3,208
<i>Posição na palavra</i>							
Início	0,000 ^a						
Meio	0,121	0,252	0,480	,631	1,129	0,688	1,852
<i>Tonicidade</i>							
Oxítone	0,000 ^a						
Paroxítone	0,291	0,290	1,003	,316	1,337	0,757	2,361
Proparoxítone	-0,913	0,692	-1,321	,187	0,401	0,103	1,558

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo multinomial multinível (REALIZAÇÃO.R ~ GENERO + BILINGUISMO + IDADE + ESCOLARIDADE + NUMERO.DE.SILABAS + POSIÇÃO NA PALAVRA + TONICIDADE)

Fonte: Curioletti (2021, p. 144)

Na Tabela 1, os resultados mostram que a chance de ocorrência de *tepe* em relação à *fricativa* no gênero masculino é estimada em expoente 2,823, que representa 16,819 vezes de possibilidade de ocorrência em relação ao gênero feminino, sendo que o coeficiente da variável *Gênero* é estatisticamente significativo (p-valor = 0,037). Os modelos com Item

Lexical como fator aleatório – modelo 1 (todas as variáveis, Tabela 1), modelo 2 (Gênero), modelo 9 (Gênero + Posição na palavra), modelo 10 (Gênero + Idade + Posição na palavra), modelo 11 (Gênero + Idade) – e os modelos com Informante e Item Lexical como fatores aleatórios – modelo 14 (Gênero, Bilinguismo, Idade, Escolaridade, Número de Sílabas e Tonicidade), modelo 15 (Idade), modelo 22 (Gênero masculino) – confirmam que o tepe tende a ser produzido no PB falado pelos planaltenses do gênero masculino e vão ao encontro dos achados da pesquisa etnográfica, em que se observou os mais jovens, destacando-se as mulheres, como os planaltenses que tendem a realizar a fricativa.

A Tabela 2 (modelo 25) traz os resultados da análise de vibrante em relação à fricativa.

Tabela 2 - Estimativas do parâmetro (de regressão logística multinomial multinível) de vibrante em relação à fricativa na realização de /r/ em onset silábico, modelo 25 (tipo 2) (informante e item lexical-variáveis aleatórias), com as variáveis Idade + Posição na palavra
N= 1.334

<i>Modelo de Regressão Logística Multinomial Multinível</i>					Intervalo de confiança de 95% para o expoente (coeficiente)		
<i>(Vibrante / Fricativa)</i>	<i>Coeficien.</i>	<i>Erro padr.</i>	<i>T</i>	<i>Sig. (p - valor)</i>	<i>Expon. (coef.)</i>	<i>Inferior</i>	<i>Superior</i>
<i>Intercept</i>	-2,002	1,014	-1,974	,049	0,135	0,018	0,989
<i>Idade</i>							
Faixa 1	0,000 ^a						
Faixa 2 + Faixa 3	2,576	1,190	2,164	,031	13,144	1,270	135,983
<i>Posição na palavra</i>							
Início	0,000 ^a						
Meio	1,256	0,498	2,520	,012	3,511	1,320	9,339

a = O coeficiente é definido como zero porque é variável de referência.

Modelo Multinomial Multinível (REALIZAÇÃO.R ~ IDADE + POSIÇÃO NA PALAVRA)

Fonte: Curioletti (2021, p. 161)

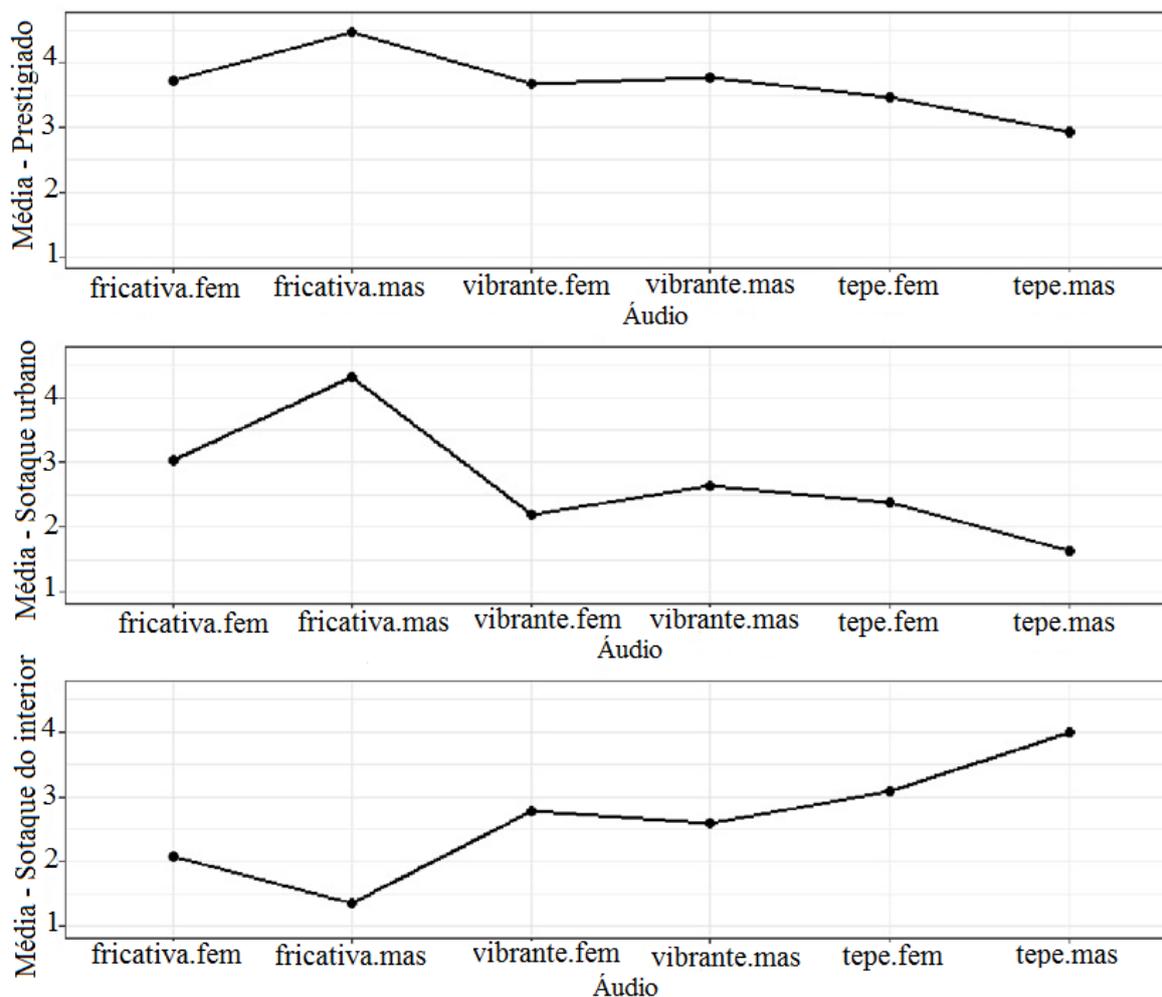
Os resultados da análise de vibrante em relação à fricativa (Tabela 2) seguem o verificado para tepe em relação à fricativa: Idade (faixa 2 e faixa 3) e Posição na palavra (meio) são condicionadores de vibrante. A possibilidade de ocorrência de vibrante entre pessoas das faixas etárias 2 e 3 corresponde a $2,576 = 13,144$ vezes em relação aos falantes mais jovens (faixa 1). No que se refere à variável Posição na palavra, a possibilidade de ocorrência de vibrante em meio de palavra é de $1,256 = 3,511$ vezes em relação à posição inicial de palavra (p-valor = 0,012). Quanto à variável Idade, a análise indica maior uso de vibrante nas faixas etárias 2 e 3. Os mais velhos (faixa 3) não realizam fricativa, salvo de

forma esporádica. O resultado para Idade (faixas 2 e 3) e Posição na palavra (meio) como condicionadoras de vibrante em relação à fricativa confirma que fricativa é a variante inovadora, a vibrante, a conservadora. A fricativa é usada pelos jovens, especialmente em início de palavra.

No estudo de percepção e avaliação linguística, em que os seis estímulos foram avaliados com base nas categorias *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*, os mais velhos percebem menos as diferenças entre os estímulos. Já os mais jovens são mais sensíveis às diferenças e atribuem notas mais díspares aos estímulos.

Na Figura 1, estão as médias de notas (de 0 a 5) dos seis estímulos no estudo de percepção e avaliação linguística. Mede-se a associação dos estímulos fricativa.mas, fricativa.fem, vibrante.mas, vibrante.fem, tepe.mas e tepe.fem com as categorias *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*.

Figura 1 - Gráficos de comparação das médias das notas atribuídas aos estímulos para as variáveis *Prestigiado/Sotaque urbano/ Sotaque do interior*



Fonte: Curioletti (2021, p. 210)

A fricativa na voz masculina (fricativa.mas) é a variante mais prestigiada (4,48) e mais urbana (4,31); o tepe na voz masculina (tepe.mas) é avaliado como a variante menos prestigiada (2,94) e mais interiorana (4,0). A fricativa na voz feminina (fricativa.fem) é a segunda mais prestigiada (3,73) e a segunda mais urbana (3,04). Vibrante na voz feminina (vibrante.fem) é menos prestigiada (3,67) do que vibrante na voz masculina (3,77); tem mais sotaque do interior (2,79) do que vibrante.mas (2,58). Tepe na fala das mulheres (tepe.fem) é mais prestigiado (3,46) do que tepe.mas (2,94) e menos sotaque do interior (3,08) do que tepe.mas (4,0).

O teste de correlação de Pearson ($r = 0,6673$; $p = < 0,001\dots$), em que é testada a correlação das notas de *Prestigiado* com as notas de *Sotaque urbano*, revelou que há uma tendência de quem atribui, em média, notas baixas para *Prestigiado* também dar notas baixas

para *Sotaque urbano*. Quem atribui, em média, notas altas para *Prestigiado* também dá, em média, notas altas para *Sotaque urbano*. Os dados confirmam que fricativa é a pronúncia mais prestigiada e mais urbana, enquanto vibrante e tepe, menos prestigiadas e menos urbanas, pois estão possivelmente mais relacionados ao interior.

Participantes dos gêneros feminino e masculino em geral não diferem na avaliação dos estímulos para *Prestigiado*, *Sotaque urbano* e *Sotaque do interior*. Somente em *Sotaque urbano* a média de notas entre o gênero masculino e o gênero feminino difere significativamente (p-valor <0,05) na correlação 6, FEM-MAS tepe, mas (Diferença Média = -1.23; IC 95%; -2.33; -0.13), conforme observa-se na Tabela 3. O resultado deve-se ao fato de os participantes do gênero masculino atribuírem maiores notas para tepe.mas do que os participantes do gênero feminino. Esse comportamento indica que as mulheres seguem parâmetros diferentes de avaliação, possivelmente ligados ao fato de o gênero feminino correlacionar-se à produção de fricativa no PB da comunidade.

Tabela 3 - Intervalos de confiança e p-valores de comparações múltiplas entre variáveis (participantes do gênero feminino e participantes do gênero masculino) por estímulo na avaliação de *Sotaque urbano*

<i>Contraste</i>	<i>Variável Avaliada</i>	<i>Estimativa</i>	<i>IC 95%</i>	<i>p-valor</i>
1 FEM - MAS	fricativa.fem	-0,13	-1,24; 0,98	0,81
2 FEM - MAS	fricativa.mas	0,02	-0,53; 0,58	0,93
3 FEM - MAS	vibrante.fem	-0,29	-1,53; 0,95	0,65
4 FEM - MAS	vibrante.mas	-0,75	-2,13; 0,62	0,28
5 FEM - MAS	tepe.fem	-1,05	-2,15; 0,04	0,06
6 FEM - MAS	tepe.mas	-1,23	-2,33; -0,13	0,03

Fonte: Curioletti (2021, p. 182)

Não há efeito da escolaridade dos participantes (MED/SUP vs. PRIM/FUN) na avaliação dos estímulos para as três categorias sociais. Constata-se somente uma diferença significativa (p-valor <0,05), entre EM/SUP e PRIM/FUN, na avaliação do estímulo vibrante.fem para a variável *Sotaque do interior*. Os resultados estão na Tabela 4.

Tabela 4 – Intervalos de confiança e p-valores das comparações múltiplas entre variáveis (pares de níveis de escolaridade) por estímulo na avaliação de *Sotaque do interior*

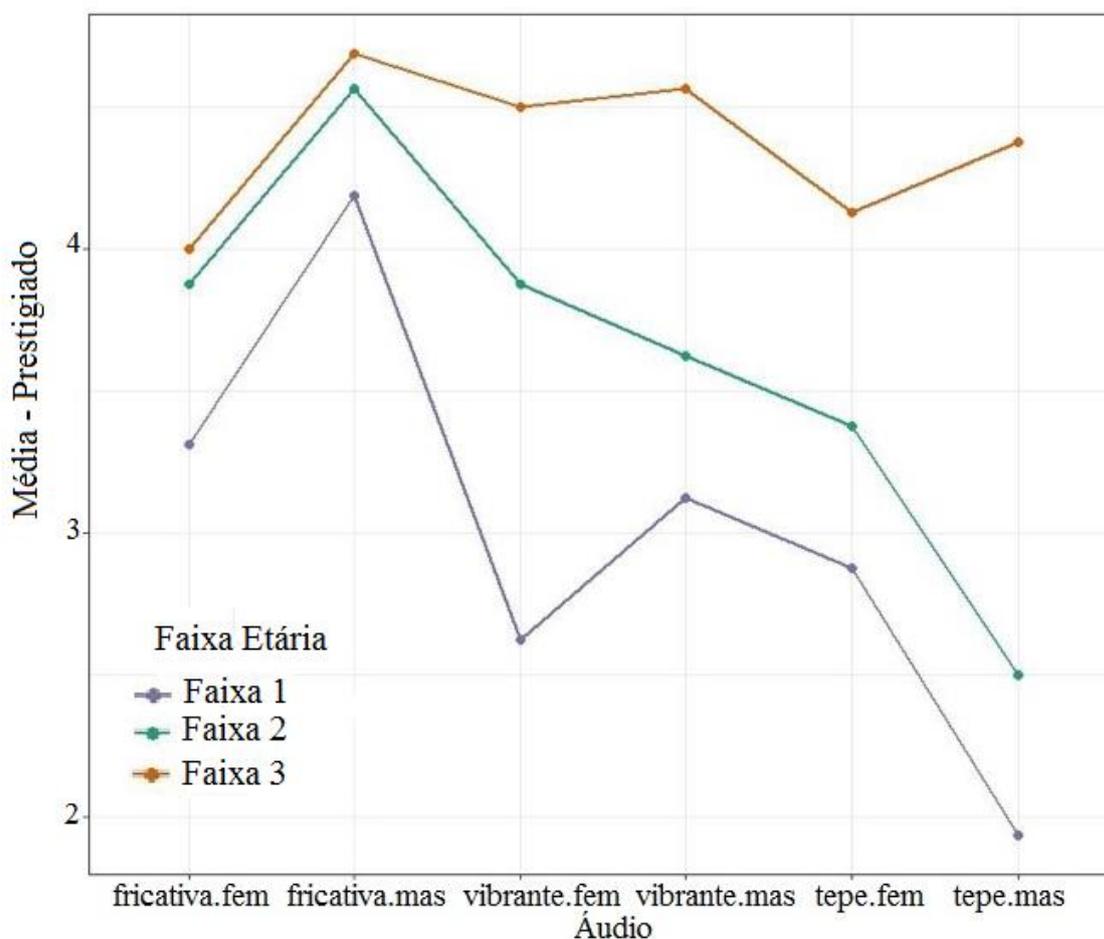
<i>Contraste</i>	<i>Variável Avaliada</i>	<i>Estimativa</i>	<i>IC 95%</i>	<i>p-valor</i>
1 MED.SUP – PRI.FUN	fricativa.fem	0,50	-0,61; 1,61	0,38
2 MED.SUP – PRI.FUN	fricativa.mas	-0,04	-1,28; 1,19	0,95
3 MED.SUP – PRI.FUN	vibrante.fem	1,08	0,18; 1,98	0,02
4 MED.SUP – PRI.FUN	vibrante.mas	0,67	-0,46; 1,79	0,25
5 MED.SUP – PRI.FUN	tepe.fem	0,80	-0,27; 1,94	0,14
6 MED.SUP – PRI.FUN	tepe.mas	0,50	-0,31; 1,31	0,22

Fonte: Curioletti (2021, p. 202)

A correlação com diferença significativa é a de número 3: MED/SUP-PRIM/FUN/vibrante.fem (DM = 1,08; IC 95%; 0,18; 1,98). Os participantes do MED/SUP consideram o estímulo vibrante.fem mais rural do que os participantes do PRIM/FUN, talvez pelo fato de os indivíduos do primeiro grupo (MED/SUP) frequentarem, ou terem frequentado, escola urbana, em que a fricativa é mais recorrente.

No que se refere à faixa etária, a faixa 3 é a que atribui notas distintas: em *Prestigiado* e *Sotaque urbano*, os participantes da faixa 3 dão notas maiores do que os das faixas 2 e 3. Em *Sotaque do interior*, os participantes da faixa 1 atribuem notas mais baixas aos estímulos do que as faixas 2 e 3. Para exemplificar a avaliação por faixa etária dos participantes, observe-se, na Figura 2, na categoria *Prestigiado*, a coincidência no traçado das curvas de avaliação das faixas etárias 1 e 2, e a relativa discrepância da faixa etária 3.

Figura 2 - Gráfico com as médias das notas (escala de 1 a 5) na avaliação dos estímulos para a variável *Prestigiado* por Faixa etária do participante



Fonte: Curioletti (2021, p. 176)

Na Faixa 3, a pronúncia do /r/ nas variantes fricativa, vibrante e tepe pode passar despercebida, possivelmente porque esses planaltenses realizam práticas sociais mais locais, conforme observado em pesquisa etnográfica. Assim, as pressões sociais do mercado de trabalho, da escola e de práticas mais urbanas, por exemplo, não são vivenciadas ou são pouco percebidas por esse grupo etário. Diferentemente da Faixa 3, na Faixa 1 e na Faixa 2 os participantes tendem a associar o uso de /r/ com fatores sociais e/ou linguísticos e, por isso, avaliam os estímulos de forma mais diferenciada. Essa situação explica o maior uso de tepe pelos falantes mais velhos e o decréscimo dessa pronúncia na fala dos mais jovens, que passam a usar fricativa.

Na análise de correlação entre dados de produção e de percepção, buscou-se averiguar se os informantes que produzem mais frequentemente determinada variante de /r/, como, por exemplo, a fricativa, são também aqueles que atribuem maiores notas a estímulos com

fricativa para *Prestigiado*. Os resultados não apontaram correlações significativas, a não ser para *Sotaque urbano* (Tabela 5), em que se constatou a associação tepe feminino e percentual de vibrante: uma correlação negativa (-0.51). Significa dizer que, geralmente, quem usa mais vibrante atribui notas baixas para tepe feminino em *Sotaque urbano* e, dessa forma, não percebe o estímulo tepe.fem com sotaque urbano.

Tabela 5 - Estimativas de correlação do uso de /r/ e médias de notas dos estímulos para *Sotaque urbano*

Sotaque urbano: Fricativa feminino			Sotaque urbano: Fricativa masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0,11	-0,49; 0,30	Fricativa	0,02	-0,38; 0,42
Vibrante múltipla	0,19	-0,22; 0,55	Vibrante múltipla	0,09	-0,32; 0,48
Tepe	0,00	-0,40; 0,40	Tepe	-0,09	-0,48; 0,32
Sotaque urbano: Vibrante feminino			Sotaque urbano: Vibrante masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0,36	-0,67; 0,04	Fricativa	-0,34	-0,65; 0,07
Vibrante múltipla	-0,07	-0,46; 0,34	Vibrante múltipla	-0,16	-0,53; 0,26
Tepe	0,26	-0,16; 0,60	Tepe	0,32	-0,09; 0,64
Sotaque urbano: Tepe feminino			Sotaque urbano: Tepe masculino		
Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)
Fricativa	-0,03	-0,43; 0,38	Fricativa	-0,23	-0,58; 0,19
Vibrante múltipla	-0,51	-0,76; -0,13	Vibrante múltipla	-0,32	-0,64; 0,01
Tepe	0,26	-0,16; 0,60	Tepe	0,38	-0,03; 0,68
SOTAQUE URBANO – MÉDIA					
	Correlação	Estimativa pontual	IC (95%)		
	Fricativa	-0,28	-0,61; 0,14		
	Vibrante múltipla	-0,15	-0,52; 0,27		
	Tepe	0,26	-0,16; 0,60		

Fonte: Curioletti (2021, p. 214)

Para ilustrar os resultados da análise de correlação, observem-se, no fragmento i), os dados de fala da informante 19 (Fem.Faixa3.PRIM/FUN), em que tepe é frequentemente usado e às vezes associado com vibrante.

i) “Na época da escola dava muito gelo, então a gente chegava na escola du[r]o de frio molhado às vezes, nem calçado tinha, tinha aqueles bo[r]achão feito de pneu de ca[r]o, então aquilo machucava por que era muito du[r]o, né? [...] daí nós *chegava* na escola atrasado, com medo, pois o professor era brabo, ele usava uma [r]égua e uma vime [...], mas era o normal *pra* época [...]”.

O maior uso de tepe no fragmento i) corrobora os resultados do cruzamento entre dados de produção e de percepção: tanto tepe.fem quanto tepe.mas se mostram como

pronúncias rurais e mais frequentemente usadas pelos mais velhos, da faixa 3. Na fala das mulheres, tepe pode ser percebido menos rural do que tepe.mas. Ainda conforme o excerto i), a vibrante pode apresentar-se mais rural se usada em contextos informais no lugar de tepe (du[r]o), sendo que, ao ser pronunciada com ênfase, conforme destacado por participantes, referencia a *persona* gaúcha e os “italianos”.

No fragmento ii), a seguir, observa-se o maior uso de vibrante em meio de palavra na fala da informante 24 (Fem.Faixa3.MED/SUP), que é professora local. O trecho ilustra os resultados da análise de produção, da etnografia e do estudo de percepção e avaliação linguística: a vibrante faz parte do repertório de fala dos mais velhos e é recorrente na fala das professoras locais.

ii) “A comida é mais italiana, porque a [r]egião daqui é italiana [...] comem o maca[r]ão, que não pode faltar (risos), feijão, a[r]oz, *polenta* [...] meus filhos gostam de mais coisa que envolve massa, maca[r]ão, *tortei*, *gnochi* [...], sempre tem um tipo de salada [...] pepino, [r]epolho, bete[r]aba [...] eu gosto bastante de alface, [r]epolho, [r]úcula, [r]adici [...]”.

As análises realizadas permitem afirmar que, em Planalto, a vibrante tem algum prestígio. Poderia ser considerada uma pronúncia *rurbana*, de uma “... língua falada [...] por grupos sociais [...] em áreas rurais expostas a influências modernizadoras”. (BORTONIRICARDO, 2011, p.23). É o que se verifica em Planalto: a modernização não está restrita ao meio urbano, está presente também no meio rural.

No trecho iii), constata-se o uso frequente de fricativa pela informante 8 (Faixa1.Fem.Faixa1.MED/SUP). Ela representa os planaltenses jovens, que produzem fricativa mais frequentemente em início de palavras.

iii) “Antigamente a gente tinha acesso às informações básicas que a gente tem em [h]elação à informação [...]. A alfabetização foi importante, pois a partir dali eu descobri o mundo [h]etratado em livros [...], mas a gente buscava informação com poucos [r]ecursos, né? então, era muito [h]estrito. Qualquer [h]esposta que tinha que dar era uma *ma[r]atona pra conseguir* a [h]esposta, né? [...] antigamente era mais olho, no olho, ir na casa da vizinha toma chima[h]ão [...]”.

A informante 8 afirmou que sofreu preconceito no ambiente de trabalho ao usar tepe e, por isso, passou a pronunciar fricativa. Após a avaliação dos estímulos, em declaração espontânea para a pesquisadora, a participante destaca que almeja ter fala semelhante ao estímulo com fricativa na voz masculina. O depoimento da jovem mostra a atuação das pressões sociais, do mercado de trabalho e da escola em favor das variedades consideradas

“cultas” da língua, ainda que a fricativa na voz masculina não seja comumente observada em Planalto.

Em suma, das variantes tepe, vibrante e fricativa, presentes no PB de Planalto em contexto de r-forte, tepe é a mais frequente. Vibrante é prestigiada localmente e fricativa é menos associada à identidade planaltense, pois sinaliza um contexto mais sofisticado e urbano.

5 Conclusão

Em relação à questão de pesquisa “que variáveis linguísticas e sociais se correlacionam à realização das três variantes de (r) no PB de Planalto?”, a análise de produção permite concluir que há mudança em progresso no PB de Planalto quanto à variável (r): os planaltenses jovens do gênero feminino são os que mais favorecem a variante fricativa, pronúncia generalizada no PB supralocal. O fato de a vibrante ser, das variantes, a que ocorre em menor proporção sugere que a mudança de r-fraco para r-forte vai quase diretamente do tepe (marca do contato) para a fricativa, sem passar pela vibrante. É um percurso de mudança coerente com o que se espera de uma realização “forte” de /r/, já que, conforme Callou, Moraes e Leite (1996), a articulação de fricativas implica maior resistência à corrente de ar do que a articulação de líquidas (vibrante e tepe).

Quanto à questão de pesquisa “em que práticas sociais e na construção de que *personas* as variantes emergem?”, o estudo etnográfico mostra que a vibrante e, especialmente, o tepe, a mais frequente das variantes, gozam de prestígio relativo no PB da comunidade. A identidade planaltense parece emergir de maneira mais autêntica (italiana e gaúcha) no uso de tepe e vibrante. A fricativa, ora intercalada com vibrante, se mostra mais associada aos jovens, às práticas femininas e urbanas.

No que se refere à questão de pesquisa “como os planaltenses percebem e avaliam as variantes fricativa, vibrante e tepe?”, a análise de percepção e avaliação linguística revela que a variante fricativa, especialmente na fala masculina, é considerada prestigiada e associa-se a sotaque urbano. Na via inversa, tepe, especialmente na fala masculina, associa-se a sotaque do interior. A variante vibrante recebe avaliações intermediárias.

Realizar tanto a análise de produção quanto a de percepção e avaliação linguística com os mesmos informantes permite concluir que há uma dissociação entre produção e percepção linguística: os informantes produzem mais frequentemente tepe, mas não atribuem as maiores

notas para essa variante na avaliação de *Prestigiado*, por exemplo. Talvez isso se deva ao fato de a variável analisada constituir uma mudança em progresso: embora os sujeitos ainda produzam mais frequentemente a variante conservadora, avaliam positivamente a variante inovadora. Almejam a mudança, mesmo que essa possa efetivar-se apenas nas gerações futuras.

As análises, especialmente a de percepção e avaliação linguística, sugerem que o tepe coocorre com outros traços linguísticos do contato PB-talian, como a não elevação de /e/ átono final para [i] e a não palatalização de /t/ e /d/, o que justifica considerar a realização de uma análise de coesão dialetal (cf. OUSHIRO, 2016) como uma entre outras possibilidades de desenvolvimento futuro do estudo.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

AZEREDO, Priscila Silvano. *A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilíngue de Flores da Cunha/RS*. 2012. 91f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2012.

BATTISTI, Elisa; MARTINS, Luísa Bitencourt. Realização variável de vibrante simples em lugar da múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 42, p. 146-158, jun. 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOVO, Nínive Magdiel Peter. *A variação da vibrante e o seu valor social*. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Caxias do Sul, 2004.

BÜCHELE, Maria da Graça Silva. *Retalhos históricos das comunidades*. Concórdia: Equiplan, 1995.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CALLOU, Dinah; MORAES, João. LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore (ed.). *Gramática do português falado*, v. 6. Campinas: Unicamp, 1996. p. 465–493.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)*. 2006. 282 p. Thesis (Philosophy doctor). Stanford University, Linguistic Department and Committee of Graduate Studies, 2006.

CORRÊA, Raquel da Costa. *A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado-RS*. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

CURIOLETTI, Daiane Sandra Savoldi. *A realização variável de /r/ em onset silábico no português falado por ítalo-brasileiros do distrito de Planalto, Concórdia (SC): produção e percepções linguísticas*. 2021. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2021.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. The meaning of style. In: CHIANG, Wai-Fong; CHUN, Elaine; MAHALINGAPA, Laura; MEHUS, Siri (ed.). *Texas Linguistics Forum*, Texas, v. 47, p. 1-10, 2003.

ECKERT, Penelope. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, Nikolas (ed.). *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge e University Press, 2016. p. 68-85.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 317-347.

GAL, Susan. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, Nikolas (ed.). *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.

IRVINE, Judith. “Style” as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, Wallace. E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, USA, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LANGARO, Antonio Jerri. De vibrantes a fricativos: os róticos na dublagem brasileira. *Revista Trama*, v. 1, n. 2, p. 109-123, jul./dez. 2005.

MACKEY, William Francis. The description of bilingualism. In: FISHAN, Joshua. A. *et al.* *Leading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Realizações de R. In: BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa (orgs.). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p.121-132.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Dermeval da. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 202-258.

OUSHIRO, Livia. Social and structural constraints in lectal cohesion. *LINGUA*, v. 172-173, p. 116-130, mar./abr. 2016.

PINHEIRO, Luciana Santos. *Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul*. 2014. 165 f. Tese (Doutorado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102203>. Acesso em: 2 mar. 2021

RADIN, José Carlos. *Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense*. 2. ed. Joaçaba: Edições UNOESC, 2001.

ROSSI, Albertina. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. *Working papers em linguística*, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 54-69, 2000.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SPESSATO, Marizete Bertolanza. *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos, 2003.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

Artigo submetido em: 11 fev. 2022

Aceito para publicação em: 7 abr. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122231>